

“CRISE” DO PODER PÚBLICO E ESCRITA DA HISTÓRIA EM REGINO DE PRÜM E RAUL GLABER (SÉCULOS IX-XI)

PUBLIC POWER “CRISIS” AND THE WRITING OF HISTORY IN REGINO OF PRÜM AND RODULFUS GLABER (9th – 11th CENTURIES)

Bruna Giovana Bengozi¹

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir o problema da “crise” do poder público por volta do Ano 1000 à luz de duas escritas históricas: a *Crônica (Chronicon)*, escrita entre 900 e 908, por Regino, abade de Prüm, na Lotaríngia; e *Os Cinco Livros de História (Historiarum Liber Quinque)*, do monge Raul Glaber, escritos entre 1016 e 1047, na região da Borgonha.

Palavras-chave: Crise; Poder Público; Ano 1000.

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the problem of public power "crisis" around the Year 1000 by means of two historical writings: Chronicle (*Chronicon*), written between 900 and 908 by Regino, abbot of Prüm, in Lotharingia; and The Five Books of the Histories (*Historiarum Liber Quinque*), written between 1016 and 1047 by Raoul Glaber, a monk in the Burgundy region.

Keywords: Crisis; Public Power; Year 1000.

Ao longo do tempo, a ideia de “crise” tem sido usada para explicar fenômenos nos mais diversos campos do saber e encontrou um espaço favorável na história, especialmente, no século XIX. As experiências acumulativas de mudanças históricas decisivas, a intensificação da consciência da história e a institucionalização da profissão de historiador asseguraram o lugar da “crise” entre as preocupações historiográficas. Além disso, sob influência dos ideais de Estado-Nação, as grandes histórias nacionais do século XIX, escritas por Ranke, Sybel, Michelet, Thiers e Taine, por exemplo, podiam ser lidas como “histórias de crises”, segundo o historiador Randolph Starn.² Porém, o conceito de crise tem uma história muito anterior ao século XIX e essa utilização abrangente e ambivalente levou a uma necessidade cada vez maior - e complicada - de explicação do próprio conceito. André Béjin e Edgar Morin já apontavam para a urgência do debate teórico e transdisciplinar em torno do tema na década de 1970;³ entretanto, a questão permanece em aberto, uma vez que a ideia de “crise” tem um grande impacto no cotidiano atual. É possível encontrar, com recorrência, notícias e debates sobre “crise econômica”, “crise política”, “crise imigratória”, “crise existencial”, e assim por diante. A recorrência de uma palavra tão polissêmica acaba gerando uma ampla utilização sem a sua devida definição e contextualização, como se o termo fosse capaz de definir algo e se “autodefinir” sem maiores discussões.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo e pesquisadora do Laboratório de Estudos Medievais (LEME – Núcleo USP). Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva (USP); co-orientadora: Profa. Dra. Néri de Barros Almeida (UNICAMP). Bolsista FAPESP. Contato: bbengozi@gmail.com.

² STARN, Randolph. *Métamorphoses d'une notion. Communications*. École de Hautes Études em Sciences Sociales. Centre de Études Transdisciplinaires (sociologie, anthropologie, sémiologie), Seuil, 25, p.9, 1976.

³ Béjin André, Morin Edgar. *Introduction. Communications*. École de Hautes Études em Sciences Sociales. Centre de Études Transdisciplinaires (sociologie, anthropologie, sémiologie), Seuil, 25, p. 1-3, 1976.

Ano 1000: tempos de crise?

Esse uso indiscriminado do conceito também teve um impacto significativo na compreensão acerca da Idade Média. A crise, especialmente política, já aparece como um fator decisivo na Queda de Roma e na caracterização do governo merovíngio.⁴ O mesmo esquema explicativo foi transposto e utilizado para caracterizar o momento histórico após o fim do Império Carolíngio. Nesse sentido, o Ano 1000 - período que vai de, aproximadamente, 980 até 1040 - seria marcado pelo esfacelamento e privatização do poder público, ascensão da cavalaria, predomínio de uma violência endêmica, ou seja, por um momento de profunda crise.

Porém, refletir sobre a “crise” do poder público neste período significa levar em consideração diversas discussões acerca do problema do Ano 1000 e, conseqüentemente, da Paz de Deus, da anarquia e da mutação feudais. Tais elementos formam um capítulo crucial na historiografia sobre a Idade Média, já que permitiram caracterizar uma sociedade marcada pelo horror, medo, caos e violência. Um mundo rústico definido pela fome, pela peste, pelas guerras privadas, por fim, pela crise. Por meio de um olhar moderno, inclusive sobre o Estado, Jules Michelet foi um dos estudiosos do século XIX que afirmou que a anarquia feudal era decorrente do declínio do Império Carolíngio e da conseqüente fragmentação do poder entre meados do século IX e XI. De acordo com essa interpretação, com o desaparecimento da monarquia, os poderes locais ganharam destaque, favorecendo a crise por meio da violência (trazida pelos germânicos e fortemente ligada ao feudalismo) e da exploração dos servos.⁵ Segundo o citado historiador, com base em crônicas de monges, entre eles, Raul Glaber:

havia uma crença universal na Idade Média de que o mundo iria acabar com o ano 1000 da Encarnação”, pois “(...) essa terrível espera pelo Julgamento final cresceu nas calamidades que precederam ou se aproximaram do Ano Mil.⁶

No século XX, essa interpretação persistiu em trabalhos de Georges Duby,⁷ Pierre Bonnassie⁸, Jean-Pierre Poly e Eric Bournazel.⁹ Com as devidas diferenças de abordagem, estes autores defenderam a ideia de uma privatização do poder público e domínio de um “senhorio” que exerceu seu poder a partir da cobrança de taxas, serviços e violência, elementos estes que formaram o paradigma da “mutação feudal”. Tais

⁴ Ver, por exemplo, as discussões feitas por N.D. Fustel de Coulanges e Ferdinand Lot sobre o período: FUSTEL DE COULANGES, N.D. *Histoire des institutions politiques de l'ancienne France*. Tome III: La monarchie franque. Paris: Hachette, 1888; Id. *Leçons à l'impératrice sur les origines de la civilisation française*. Paris: Hachette, 1930; LOT, Ferdinand. *La fin du monde antique et le début du Moyen Âge*. Paris: Albin Michel, 1989 (1ª ed., 1927).

⁵ MICHELET, Jules. *Le Moyen Âge*. Paris: R. Laffont, 1981 (1ª ed., 1833).

⁶ Ibid., p. 230-231 *apud* BARTHÉLEMY, Dominique. *L'an mil et la paix de Dieu. La France chrétienne et féodale 980-1060*. Paris: Fayard, 1999, p. 9-10.

⁷ DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982; Id. *L'An Mil*. Paris: Gallimard, 1980.

⁸ BONASSIE, Pierre. El Señorío Banal y los cambios en la condición del campesinado libre. In. LITTLE, L.K.; ROSENWEIN, B.H. (eds.). *La Idade Media a debate*. Madri: Akal, 2003, p. 190-218.

⁹ POLY, Jean -Pierre; BOURNAZEL, Éric. *La Mutation Féodale. Xe – XIIe siècle*. Paris: PUF, 1980.

interpretações receberam críticas a partir da década de 1970, com os chamados “anti-mutacionistas”, como o historiador Dominique Barthélemy.¹⁰

Gostaríamos de atentar para o modo como os estudos sobre o período incorporaram a noção de crise. Aparentemente, as leituras feitas no século XIX até meados do século XX indicaram uma ideia de crise como sinônimo de *ruptura*, *esfacelamento*, *desordem*. Mas tal interpretação é decorrente das fontes da época? Esta pergunta apontou para a necessidade de um retorno às fontes e de uma reflexão sobre se, afinal, os relatos sugerem a existência de uma crise e, em caso afirmativo, de qual crise tratam ou sob qual viés. Esse percurso investigativo mostrou outra urgência: buscar uma ancestralidade do conceito de crise e verificar se a palavra significa apenas “ruptura”, como visto nesses trabalhos historiográficos, ou se pode carregar outros significados.

O desafio de um conceito diante das fontes

Segundo alguns estudiosos, como Reinhard Koselleck¹¹ e Randolph Starn¹², a palavra crise viria do grego κρίνω (krínō) e carregaria uma ampla gama de sentidos, como peneirar, separar, examinar, decidir, ou seja, significando discriminação ou decisão. O primeiro ponto de disseminação do termo seria o campo médico,¹³ uma vez que, segundo Starn, a mais importante e interessante extensão da palavra derivou da medicina grega.¹⁴ Segundo o tratado hipocrático *Sobre Afeições (De Affectionibus)*, “a crise ocorre em doenças sempre que a enfermidade cresce em intensidade, ou desaparece, ou se transforma em outra doença, ou acaba por completo”.¹⁵ O resultado da crise poderia ser, então, a recuperação parcial ou completa da doença, o seu agravamento ou a morte. A crise seria “a resolução da doença como se fosse por um veredicto judicial”.¹⁶ O fenômeno poderia ser passível de recaída, sendo seguido por outra crise, e assim por diante, ou seja, carregaria em si um caráter cíclico.¹⁷

¹⁰ BARTHÉLEMY, Dominique. *L'an mil et la paix de Dieu. La France chrétienne et féodale 980-1060*. Paris: Fayard, 1999; Id. *La mutation de l'an mil a-t-elle eu lieu ? Servage et chevalerie dans la France des Xe et XIe siècles*. Paris: Fayard, 1997.

¹¹ KOSELLECK, Reinhart; RICHTER, Michaela W. Crisis. *Journal of the History of Ideas*, v. 67, n. 2, p. 357-400, Apr., 2006.

¹² STARN, Randolph, *op. cit.*, p. 3-22.

¹³ RICOUER, Paul. La Crise: un phénomène spécifiquement moderne? *Revue de Théologie et de Philosophie*, 120, p. 2, 1988.

¹⁴ STARN, Randolph. *op. cit.*, p.5.

¹⁵ HIPOCRÁTES. *Ancient Medicine*. Trad. de W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1923. Vol. I (Loeb Classical Library) *apud* STARN, Randolph. *op. cit.*, p. 5.

¹⁶ JONES, W. H. S. *Hippocrates Collected Works I*. Cambridge: Harvard University Press, 1968, p. 46. Disponível em: <http://daedalus.umkc.edu/hippocrates/HippocratesLoeb1/page.lii.php?size=240x320>. Acesso em: 10 fev. 2016.

¹⁷ Essa noção médica do termo foi empregada a partir dos séculos XVII e XVIII para as análises da sociedade, que passou a ser vista como um “organismo” que, por sua vez, poderia ser atacado por doenças graves, ou seja, por crises. BÉJIN, André; MORIN, Edgar. *op. cit.*, p. 1-2. Segundo Paul Ricouer, além do campo médico, um dos focos de irradiação do conceito se dá no campo do desenvolvimento psicofisiológico. A crise, nesse caso, aparece em momentos críticos da vida, como a passagem da fase da adolescência para a fase adulta, ou seja, ela é usada em um contexto evolutivo, não para designar uma catástrofe ou ameaça, mas para identificar um período de vulnerabilidade, de desequilíbrio. ERIKSON, E. H. *Adolescência et crise. La quête de l'identité*. Paris: Flammarion, 1972, p. 97 *apud* RICOUER, Paul. *op. cit.*, p. 3. Outro importante foco de utilização do conceito pode ser localizado no campo da história da ciência, a partir do modelo epistemológico da crise. Essa interpretação é baseada na clássica obra de Thomas Kuhn, que discute o caráter descontínuo do progresso da ciência. KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2006. Para o autor, os avanços da ciência são feitos a

No latim, a expressão **discrimen** carregaria o mesmo sentido do termo em grego, sendo Cícero um dos autores a fazer uso da palavra em seus escritos.¹⁸ Na primeira fonte analisada neste artigo, a *Crônica*, do abade Regino de Prüm,¹⁹ a palavra *discrimen* e a sua declinação são usadas poucas vezes, sempre no sentido de encontros, batalhas.²⁰ E não há referência ao termo na obra do monge Raul Glaber, *Os Cinco Livros de História*, uma das principais obras que foram lidas e incorporadas pela historiografia sobre o Ano 1000.²¹ Essa constatação aponta para importantes questões: se não há o termo em si, os autores ainda estão falando de crise? Afinal, essas obras tratam de quais assuntos e de quais personagens que poderiam ajudar a pensar em uma crise do poder público?

partir de rupturas, ou melhor, crises, que levam às mudanças de paradigmas. Desta forma, as crises aparecem como um desconforto e também como um estado temporário entre fases de equilíbrio e de desequilíbrio. RICOUER, Paul. *op. cit.*, p. 5. Por fim, um dos usos mais recorrentes da ideia de crise se dá no campo econômico, pois, segundo Ricouer, o modelo de crise econômica se tornou referência para todas as outras crises. RICOEUR, Paul. *op. cit.*, p. 5. Esse modelo também se constitui de elementos genéricos, como “ruptura de equilíbrio, quebras, queda da atividade produtiva, do comércio, dos salários, dos lucros, além do aumento de falências, do desemprego, dos suicídios”. “Crises économiques”. *Encyclopaedia universalis*, Paris, volume 5, p. 101-109, 1968 *apud* RICOUER, Paul. *op. cit.*, p. 6. A frequência das crises econômicas também é um elemento importante que aparece na caracterização de outras crises, a exemplo de ciclos da vida analisadas por psicólogos e psicanalistas. Os aspectos cíclicos da crise se definiriam então pelo crescimento da crise em si; pela depressão; pela recuperação; e por fim, o retorno a uma fase crítica que desenvolve uma nova crise. RICOUER, Paul. *op. cit.*, p. 7. A noção de crise também apareceu, especialmente a partir do final do século XIX, nas análises – muitas vezes ambiciosas – sobre as grandes mutações culturais, ou seja, crises da civilização, crise espiritual, crise de valores. BÉJIN, André; MORIN, Edgar. *op. cit.*, p. 2. Seria este o sentido utilizado seis vezes por Tucídides na Guerra do Peloponeso, seja para tratar das assembleias públicas e cortes, ou para se referir às batalhas entre Gregos e Persas.

¹⁸ GOLDEN, Gregory Kung. *Emergency Measures: Crisis and Response in the Roman Republic (from the Gallic Sack to the Tumultus of 43BC)*. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia). Graduate School - New Brunswick, Rutgers, The State University of New Jersey, New Jersey, 2008, p. 20.

¹⁹ MACLEAN, Simon. *History and Politics in Late Carolingian and Ottonian Europe. The Chronicle of Regino of Prüm and Adalbert of Magdeburg*. Manchester: Manchester University Press, 2009. A obra de Regino de Prüm é vista como uma das grandes escritas históricas da era carolíngia, sendo considerada a última desse tipo a ser produzida no período, logo, Regino seria o último historiador carolíngio. A *Crônica* é também considerada uma das quatro grandes fontes sobre a segunda metade do século IX, ao lado dos Anais de Fulda, Saint-Bertin e Saint Vaast.

²⁰ Cf. REGINO, a. 889, a. 898.

²¹ Buscando abreviar o título da obra de Raul Glaber, as próximas referências à mesma serão feitas como “*Histórias*”. BULST, Neithard (ed.); FRANCE, John; REYNOLDS, Paul (trads.). *Rodulfus Glaber. Opera*. Oxford: Oxford University Press, 1989. Apesar de ampla utilização em textos sobre o Ano 1000, a escrita de Glaber, como apontado anteriormente, pouco foi considerada em seu caráter historiográfico, além de ser ignorada por diversos estudiosos, possivelmente, por conta do milenarismo presente no trabalho, falhas de erudição e ausência de linearidade da narrativa. Para Arnoux, grande parte dessa indiferença se deu por conta dos problemas de datação e “realidade histórica” das descrições feitas por Glaber, além da escrita problemática em latim. ARNOUX, Mathieu (ed. e trad.). *Raoul Glaber. Histoires*. Turnhout: Brepols, 1996, p. 5-7. Para Duby, Glaber era indócil, instável, falador, crédulo, desajeitado e com um latim prolixo. DUBY, Georges. *L’an mil*. Paris: Gallimard, 1980, p. 21; Id. *Les trois ordres ou l’imaginaire du féodalisme*. Paris: Gallimard, 1078, p. 235. Grande parte desse “preconceito” veio acompanhada das caracterizações sobre o próprio monge, apontado como irresponsável, fofoqueiro, giróvago, cujos relatos milenaristas refletiriam suas próprias tendências psicóticas. LANDES, Richard. *The Fear of an Apocalyptic Year 1000: Augustinian Historiography, Medieval and Modern. Speculum*, vol. 75, n. 1, p. 137, jan., 2000; BAUTIER, R.-H. L’herésie d’Orléans et le mouvement intellectuel au début du XIe siècle: documents et hypotheses. *Bulletin Philologique et Historique du C.T.H.S.*, p. 67, 1975 *apud* ARNOUX, Mathieu. *op. cit.*, p. 7.

Diante deste quadro, torna-se interessante passar para a análise dos prefácios das obras, espaços privilegiados para se observar os objetivos dessas escritas de história. No começo de sua *Crônica*, Regino de Prüm escreve:

Para o senhor Bispo Adalbero, um homem de altas habilidades distinguidas de diversas formas por meio da busca de todo tipo de filosofia, Regino, apesar do mais baixo dos adoradores de Cristo, o mais devoto em todas as coisas à sua alteza, compromete os tributos fieis de suas orações. Eu confio ao seu singular critério de avaliação a *Crônica* que eu compilei de trabalhos sobre a nossa própria época e daquela dos nossos antepassados, de modo que possa ser aprovado ou condenado pelo seu julgamento perspicaz. Eu a dividi em dois livros, começando com o primeiro ano da Encarnação do Senhor e completando o trabalho assim começado até o presente ano, que é calculado como o 908 desde a já citada encarnação do Senhor. Para mim, parece indigno que, desde os historiadores dos hebreus, gregos, romanos e outros povos transmitiram para o nosso conhecimento por meio dos seus escritos os feitos em suas épocas, deve haver um silêncio inquebrável referente ao nossos próprios tempos, mesmo eles sendo muito mais recentes, como se em nossos dias, a atividade humana houvesse cessado ou talvez o povo nada tivesse feito digno de memória ou, se os feitos dignos de serem lembrados tenham sido realizados, ninguém adequado poderia ser encontrado para comprometê-los a escrever, pois os escribas escorregaram na inatividade por meio da negligência. Por conta disso, eu não sofri os tempos dos nossos pais e os nossos para passar completamente intocado, mas tomei o problema de recordar um pouco de muitas coisas (que eu poderia fazer); e quando eu cheguei ao presente dia, eu restringi a minha pena para não ofender certas pessoas que ainda estão vivas: eu deixo para a posteridade continuar esses assuntos. Aceite, então, esse pequeno presente com boa vontade igual à devoção com que ele é enviado para você com humilde atitude. Em síntese, eu imploro ao leitor que se ele gosta das nossas palavras, ou qualquer outro tipo que possa ser, e queira copiá-las, ele não deve retirar de nenhuma forma esse pequeno prefácio, mas sim escrevê-lo bem diante do pequeno livro. Que a providência celestial preserve ilesa a glória da sua grandeza pelo bem de muitos povos que você vai beneficiar.²²

²² REGINO, *Prefatio*. In. MACLEAN, Simon. *op. cit.*, pp. 61-62. “Excellentissimi ingenii et totius philosophiae studiis multipliciter insignito domno Adalberoni episcopo Regino, quamvis omnium christicolarum extremus, vestrae tamen sublimitati in omnibus devotissimus, fidelia mandat orationum obsequia. Chronicam, quam de nostris et antecessorum nostrorum temporibus litteris comprehendi, vestrae singular prudentiae examinandam transmisi, ut vestro perspicaci iudicio aut approbetur aut condempnetur. Quam in duobus libellis distinxi, exordium capiens a primo incarnationis dominicae anno et consummans coeptum opus usque in presentem annum, qui computatur a prefata incarnatione Domini nongentesimus octavus. Indignum etenim mihi visum est, ut, cum Hebreorum, Grecorum et Romanorum aliarumque gentium historiographi res in diebus suis gestas scriptis usque ad nostram notitiam transmiserint, de nostris quamquam longe inferioribus temporibus ita perpetuum silentium sit, ut quasi in diebus nostris aut hominum actio cessaverit aut fortassis nil dignum, quod memoriae fuerit

Ao terminar o livro I, Regino destaca:

Nós trouxemos esta narrativa, que começou com o ano da Encarnação do Senhor, até este ponto deste modo, pois o seguinte livrinho escrito pela nossa própria humildade releva o tempo e os feitos dos governantes de acordo com os mesmos anos da Encarnação, assim como mostra os principais feitos de cada governante, onde e quando, além de apresentar especialmente o triunfo dos santos, mártires e confessores e onde e sob qual rei eles seguraram a coroa da glória²³.

Eis aqui algumas informações interessantes para o prosseguimento desta discussão. Ao intitular e escrever os dois livros da *Crônica*, respectivamente, “Sobre os tempos da Encarnação do Senhor” e “Sobre os feitos dos reis dos francos”, Regino parece estar dedicado a registrar um passado remoto, desde a Encarnação, fazendo uma história cristã e uma história secular, que incorporam a ascensão da Igreja, da dinastia merovíngia, e assim por diante.²⁴ Tal passado seria glorioso e digno de nota, mas o autor também aponta para a necessidade de se preocupar com um passado mais próximo e com o presente que, segundo seu prefácio, teriam sido esquecidos e negligenciados. Para o abade, os tempos recentes também são palco de importantes ações e personagens. E quais são essas figuras? Como é possível perceber neste trecho, são figuras públicas – abades, bispos, príncipes e reis – que serão decisivos para o desenrolar do relato.

No prefácio da obra de Raul Glaber, também há uma estrutura parecida, com a apresentação da dedicatória, objetivos da escrita e personagens-chave:

A Odilo, abade do mosteiro de Cluny e o mais ilustre dos homens eminentes, Raul Glaber. (...) Por outro lado, depois de quase duzentos anos, quer dizer, depois que Beda padre na Inglaterra, e Paulo na Itália, contaram a história de sua nação e

commendandum, egerint aut, si res dignae memoratu gestae sunt, nullus ad haec litteris mandanda idoneus inventus fuerit, notariis per incuriam otio torpentibus. Hac itaque de causa non passus sum tempora patrum nostrorum et nostra per omnia intacta preterire, sed ex multis pauca notare curavi et, ubi ad presentia tempora ventum est, stilo temperavi propter quorundam offensam, qui adhuc sunt superstites, latius haec posteris exequenda relinquens. Accipite ergo hoc parvum munusculum ea benignitate, qua devotione missum est a mea parvitate. In calce autem obsecro lectorem, ut, si illi haec dicta nostra, qualiacunque sint, placuerint et ea sibi describi voluerit, hanc prefatiunculam nullatenus omittat, quin eam in prima fronte libelli annotari faciat. Gloriam celsitudinis vestrae multorum utilitatibus profuturam superna providentia diu incolumem conservare dignetur.” KURZE, Friedrich (ed.). *Reginonis abbas Prumiensis Chronicon cum continuatione Treverensi*. MGH SS rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi 50. Hanover, 1890, p. 1-2.

²³ REGINO, a. 654. In: MACLEAN, Simon. *op. cit.*, pp. 119-120. “Haec idcirco ab ipso incarnationis Domini anno exordium capientes usque huc” perduximus, ut, quia sequens libellus a nostra parvitate editus per eiusdem incarnationis dominicae annos tempora principum et gesta declarat, iste nihilominus, quo tempore, quo in loco vel quid sub unoquoque principe actum sit, summam demonstrat, triumphos quoque sanctorum martyrum et confessorum, quibus in locis vel sub quibus regibus coronam gloriae Derceperunt, nominatim aperiat. Igitur ubi iste finitur, ille consequenter initium capiat et, ubi ille incipit, iste finem sortiatur.” KURZE, Friedrich. *op. cit.*, p. 40.

²⁴ A junção entre história “profana” e “da santidade” já aparece em obras anteriores, como a *História dos Francos*, de Gregório de Tours: “A posição de Gregório é totalmente determinada pelo desejo de realizar essa união da Igreja de Cristo com o Estado terrestre”. HEINZELMANN, Martin. *Histoires de Francs, Historiens de France*. Société de l’histoire de France, Actes du Colloque International, Reims, 14-15 mai 1993, p. 43 apud DOSSE, François. *A História*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 220.

de sua pátria, não se encontrou pessoa para transmitir à posteridade um trabalho de história, enquanto que é evidente, tanto no mundo romano quanto nas regiões de além-mar ou nas províncias bárbaras, que fatos aconteceram que seria extremamente útil aos homens conservar na memória, para que sua meditação inspire a cada um precauções salutares. (...) Farei primeiramente ver (pois podemos afirmar com certeza, ainda que o cômputo dos anos decorridos desde a criação do mundo feito pelas histórias dos hebreus difira daquele da tradução dos Setenta) que o segundo ano que seguiu o milênio do Verbo encarnado foi também o primeiro ano do reino de Henrique, rei dos Saxões, e que o milésimo ano de nosso Senhor foi também o décimo terceiro do reino de Roberto, rei dos francos. Deste lado do mar, todos os dois eram considerados como os mais cristãos e os maiores reis; o primeiro, Henrique chegou em seguida ao Império Romano. Também colocamos a lembrança dele na origem de nossa cronologia. (...) A partir do ano 900 do Verbo encarnado, que cria e dá vida a todas as coisas, até nós, contaremos que os homens mais eminentes no mundo romano foram os protetores da justiça e da fé católica, como o recolhemos em fontes certas ou conforme vimos nós mesmos²⁵.

Existem outras semelhanças com o prefácio da obra de Regino de Prüm: a falta de pessoas capazes de relatar o passado mais recente e o presente, uma junção da história da Igreja e história dos povos e, finalmente, a presença de duas importantes figuras políticas, o Imperador Henrique e o Rei Roberto, o Piedoso, que vão guiar a cronologia da obra de Raul e, mais do que isso, são considerados pelo autor como “os mais cristãos e maiores reis”. Insiste-se nesse aspecto da narrativa, pois um imperador e um rei são descritos no prólogo de uma fonte escrita em uma época na qual, em tese, essas figuras seriam fracas, sem importância.

Os “momentos de crise”

²⁵ RAUL GLABER, I, cap. I. “Clarorum uirorum illustrissimo Odilone, Cluniensis coenobii patri, Glaber Rodulfus. (...) et quoniam in spatio fere ducentorum annorum nemo ista appetens extitit, id est post Bedam, Britannie presbiterum, seu Italie Paulum, qui historialiter quippiam posteris scriptum misisset; quorum uterque historiam propriae gentis uel patriae condidit, dum uidelicet constet tam in orbe Romano quam in transmarinis seu barbaris prouinciis perplura deuenisse que, si memorie commendarentur, proficua nimium hominibus forent atque ad commodandum quibusque cautele studium potissimum iuuarent. (...) “(...) primitus dumtaxat ostensurus (quamquam series annorum a mundi origine pernotata secundum Hebreorum historias a Septuaginta Interpretum translatione discrepet, illud tamen certissime commendamus) quod annus incarnati Verbi millesimus secundus ipse sit regni Heinrici Saxonum regis primus, isdem quoque annus Domini millesimus fuit regni Rotberti Francorum regis tertius decimus. Isti igitur duo in nostro citramarino orbe tunc christianissimi atque premaximi habebantur, quorum primus, uidelicet Henricus, Romanum postmodum sumpsit imperium. Idcirco uero illorum memoriale seriei temporum stabilivimus. (...) Dicturi igitur ab anno DCCCCmo incarnati creantis ac uiuificantis omnia Verbi ad nos usque qui claruere uiri in Romano uidelicet orbe insignes catholice fidei cultores et iustitie, prout certa relatione comperimus uel uisuri superfuimus, seu etiam qui rerum euentus queque perplura contigerunt memoranda tam in sacris ecclesiis quam in utroque populo, primitus ad illud totius quondam orbis imperium principale, scilicet Romanum, conuertimus stilum.” BULST, Neithard. *op. cit.*, p. 2; 4; 8; 10.

Até esta etapa, os prefácios não oferecem indícios da privatização ou desaparecimento do poder público. Mas as obras precisam ser lidas como um todo e, portanto, o próximo passo da investigação foi atentar para algumas categorias que poderiam ser entendidas como “momentos de crise”, como passagens sobre fome, peste, guerras, morte de personagens ilustres. No caso da *Crônica*, de Regino de Prüm, o momento crucial seria a crise de 888, causada pela morte sem herdeiros de Carlos, o Gordo.²⁶ Assim, segundo o historiador Stuart Airlie, Regino seria o Edward Gibbon da escrita histórica carolíngia, na qual a *Crônica* se constitui como relato do declínio e queda do Império Carolíngio, que levaria a uma fragmentação do poder público.²⁷ Eis o trecho fatídico:

Após a sua morte, os reinos que haviam obedecido à sua autoridade, por conta da falta de um herdeiro legítimo, dissolveram-se em partes separadas e, sem esperar por um senhor natural, cada um decidiu criar um rei de sua própria entranha. Essa foi a causa de grandes guerras; não porque entre os líderes francos faltavam nobreza, coragem e sabedoria para governar os reinos, mas porque a igualdade de descendência, autoridade e poder aumentou a discórdia entre eles, nenhum ofuscou tanto os demais a ponto do resto se submeter a sua ordem. A Francia poderia ter produzido muitos líderes capazes de controlar o governo do reino, se a fortuna não tivesse os provido para que pudessem destruir uns aos outros na competição pelo poder²⁸.

Sem desmerecer o espaço dos acontecimentos de 888, tal episódio não pode ser lido isoladamente dentro da narrativa de Regino. É possível perceber que mais do que um momento de ruptura, a falta de herdeiros reais seria uma “consequência” de outro evento muito importante na *Crônica* e na própria história carolíngia: o divórcio de Lotário II. Primeiro indício: Regino faz entradas breves em grande parte do relato, organizado em forma de anais, mas dá um destaque muito grande a todos os acontecimentos relacionados à querela. Ali, Regino narra em detalhes o processo do divórcio de Lotário II e da rainha Teuberga, por causa do relacionamento do rei com uma nobre chamada Waldrada. Lotário teria se utilizado de acusações contra a esposa, como incesto (com o irmão), sodomia e aborto. Claramente, Regino não está apenas narrando, ele está fazendo um julgamento moral, alinhando-se às ações do papa Nicolau

²⁶ AIRLIE, Stuart. Les élites em 888 et apres, ou comment pense-t-on la crise carolingienne? In. BOUGARD, F.; FELLER, L.; LE JAN, R. (eds.). *Les Élités au Haut Moyen Âge. Crises et Renouvellements*. Turnhout: Brepols, 2006, p. 425-437; Id. AIRLIE, Stuart. ‘Sad stories of the deaths of kings’: Narrative Patterns and Structures of Authority in Regino of Prüm’s Chronicon. In. TYLER, Elizabeth. M; BALZARETTI, Ross (eds.). *Narrative and History in the Early Medieval West*. Turnhout: Brepols, 2006, p. 105-131.

²⁷ AIRLIE, Stuart. ‘Sad stories of the deaths of kings’..., p. 126.

²⁸ REGINO, a. 888. In. MACLEAN, Simon. *op. cit.*, p. 199. “Post cuius mortem regna, que eius ditioni paruerant, veluti legitimo destituta herede, in partes a sua compage resolvuntur et iam non naturalem dominum prestolantur, sed unumquodque de suis visceribus regem sibi creari disponit. Quae causa magnos bellorum motus excitavit; non quia principes Francorum deessent, qui nobilitate, fortitudine et sapientia regnis imperare possent, sed quia inter ipsos aequalitas generositatis, dignitatis ac potentiae discordiam augebat, nemine tantum ceteros precellente, ut eius domínio reliqui se submittere dignarentur. Multos enim idoneos principes ad regini gubernacula moderanda Francia genuisset, nisi fortuna eos aemulatione virtutis in perniciem mutuam armasset”. KURZE, Friedrich. *op. cit.*, p. 129.

I, o grande oponente de Lotário II. Por meio do papa (e da supremacia de Roma diante do reino), reivindica-se a legitimidade de Teuberga como esposa do rei, o que reforça a recorrência dos relatos anteriores de Regino sobre adultérios, importância de casamentos legítimos, nascimentos legítimos e ilegítimos.²⁹ Aos olhos do Papa e de Regino, Teuberga seria a vítima, enquanto Lotário seria o manipulador dos religiosos, mentiroso, adúltero. Diante desse posicionamento, Regino se utiliza de suas fontes, especialmente, as *Epístolas* do Papa Nicolau I, para sair em defesa do legítimo casamento e da “saúde” do reino.³⁰

Como Lotário não se redimiou de seus pecados, o reino começou a sofrer com a profecia do Papa. Segundo MacLean, Regino omitiu uma linha da carta de Nicolau, com a seguinte frase: “Nam maiora facit crimine sublimitas dignitatum”, que poderia ser traduzida como “Pois a altura do personagem faz o crime maior”. A frase, de acordo com o historiador, carrega a ideia de que a conduta moral do rei tem um impacto direto na sorte do seu povo e do seu reino.³¹ Ainda que o abade tenha retirado esse pequeno trecho, tal visão aparecerá com destaque na *Crônica*, quando o mesmo anuncia que irá revelar “a natureza do resultado produzido pela calamidade desta doença pestilenta, que resistiu ao remédio de um antídoto apostólico, e a dimensão dos custos dessa infecção mortal para o reino”.³²

As ações de Lotário II no relato de Regino são causa de grande ira divina. O exército do rei passou a ser atingido por pestes e mordidas de aranhas, casos de desrespeito do direito hereditário são recorrentes, assim como a morte dos governantes e a esterilidade das esposas, que seria resultado mais do pecado do que da infertilidade, acontecimentos estes que iriam culminar na perda de “saúde” do reino e na quebra (ou morte) da linhagem dinástica carolíngia.³³ Toda essa narrativa carregada de linguagem médica parece remeter às origens gregas da noção de “crise”, na qual a ideia de julgamento tem um papel fundamental, neste caso, o julgamento de Regino como narrador e o julgamento de Deus na história. É uma sociedade sendo julgada, especialmente por conta dos feitos dos seus governantes, portanto, esses acontecimentos decisivos, mais que uma realidade histórica, carregam um caráter admoestador para a

²⁹ Na entrada dos anos 498-509, Regino condena o comportamento errado do Rei Chariberto que comete adultério e mostra como ele perde a vida e seu reino por conta disso. “Chariberto abandonou sua esposa legítima (*legitima uxor*), chamada Ingoberga, e se casou com as duas irmãs Marcovefa e Merofilda. Por conta desse ato abominável (*scelus*), ele foi excomungado por São Germano, bispo de Paris, e após ser derrubado por um justo julgamento de Deus, ele morreu e foi enterrado na igreja de São Romano”. REGINO, a. 498-509 (datas corretas 565-578). In. MACLEAN, S. *op. cit.*, p. 91. “Herechbertus derelicta legitima uxore, quae vocabatur Ingoberga, duas sorores Marcovefam et Merofilidam sibi in matrimonium iungit; ex quo scelere excommunicatus est a sancto Germano Parisiorum episcopo et iusto Dei iudicio percussus moritur et in basilica sancti Romani sepelitur.” KURZE, Friedrich. *op. cit.*, p. 22. Cópia dos *Liber Historiae Francorum*, c. 30-1. In. KRUSCH, B. (ed.). MGH SRM 2, Hanover, 1888, p. 290-291, que indica que as irmãs também foram feridas por Deus.

³⁰ Regino também parece ter usado a carta escrita pelos arcebispos Gunter da Colônia e Tietgaud de Trier, que defenderam o divórcio, e que foi enviada ao Papa, mas se perdeu. MACLEAN, Simon. *op. cit.*, p. 142.

³¹ MACLEAN, Simon. *op. cit.*, p. 149.

³² REGINO, a. 866. In. MACLEAN, Simon. *op. cit.* p. 151. “Qualem vero exitum huius pestiferi morbi pernitentes attulerit apostolico rennuens mederi antidoto, quantaque regni dispendia ex hac mortifera contagione.” KURZE, F. *op. cit.*, p. 89. Segundo MacLean, ao apontar a necessidade de revelar e repreender os pecados de Lotário, Regino parece ecoar um trecho de Mateus 18: 15-17, que diz: “Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas, se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros, de modo que ‘qualquer acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas’. Se ele se recusar a ouvi-los, conte à igreja; e, se ele se recusar a ouvir também a igreja, trate-o como pagão ou publicano”. *Ibidem*, p. 151.

³³ Não é sem sentido que “*vires Francorum*” é uma das expressões favoritas de Regino na *Crônica*. O termo parece carregar o sentido de poder, vigor, energia, força.

possível audiência da *Crônica*, composta por importantes membros da Igreja e do governo.

É importante ressaltar também como, no caso da morte sem herdeiros de Carlos, o Gordo, Regino parece colocar um ponto final à maldição iniciada com Lotário II e abre espaço para a redenção. É significativo o fato do poder ser ocupado, anos depois, em 900, por uma criança de apenas seis anos, Luís IV. Ele é descrito na *Crônica* como fruto de um casamento legítimo de Arnulfo da Caríntia³⁴ e nos 11 anos de seu governo foi responsável por convocar assembleias, reconciliar partes litigiosas e por punir aqueles que estavam em pecado de violência, usurpação, e assim por diante. Ou seja, Luís IV continua exercendo ativamente o poder público.

Vamos encontrar uma leitura de “crise” semelhante em um trecho selecionado da obra de Raul Glaber. A descrição da crise famélica de 1031-1033 é uma das mais famosas passagens das *Histórias*:

Em seguida, a fome começou a reprimir toda a terra, ameaçando com a morte todos os homens. O tempo, de fato, encontrou-se perturbado ao ponto que jamais era encontrado um momento para o plantio, nem para a colheita, em particular, por causa das inundações. Parecia que os elementos, opostos entre eles, se envolveram em uma batalha, enquanto, sem dúvida, castigavam a insolência dos homens. (...) A falta de comida oprimiu todos os povos: ricos e menos ricos estavam magros, como os pobres, porque a violência dos grandes também sucumbiu diante da miséria universal. (...) Após ter que comer o gado e as aves, os homens passaram, possuídos por uma fome atroz, a comer carniça ou outras comidas imundas. Alguns chegaram ao ponto de comer algas dos rios para escapar da morte, mas em vão: não havia outro meio de escapar da fúria divina do que se voltar para si próprio. Dizer os excessos que trouxeram a corrupção do gênero humano provoca horror: ah, como é doloroso! O que raramente tínhamos visto no passado, os homens, enfurecidos pela fome, comendo a carne de outros homens. Os viajantes, assaltados por homens mais vigorosos que eles, eram desmembrados, cozidos no fogo e comidos. Muitos outros, que fugiram da fome de região em região, foram abatidos por seus anfitriões e serviram de comida para aqueles que os receberam. Muitas vezes, mostravam uma fruta ou um ovo para uma criança e a levavam para um lugar isolado para matá-la e comê-la. Em muitos lugares, os cadáveres foram exumados e serviram de alívio para a fome. Chegou-se a tal ponto de demência que um gado abandonado corria menor risco de ser surpreendido que os homens (...). Em razão dos pecados dos homens, essa terrível calamidade durou três anos em todo o mundo. Para aliviar os miseráveis, foram utilizados os ornamentos e os tesouros das igrejas, cujos decretos dos Pais da Igreja indicavam que eles foram originalmente criados com este objetivo. Porém, em quase todos os lugares, a multidão dos pobres, proporcional ao

³⁴ Arnulfo da Caríntia era sobrinho de Carlos, o Gordo e o sucedeu após usurpar o trono na Francia Oriental, Lotaríngia e Itália em novembro de 887.

justo castigo da cólera divina, excedeu em muito os tesouros das igrejas (...)³⁵.

Eis o relato do horror que, para os adeptos da tese do Ano 1000, comprovaria o período de crise e de desestruturação pós carolíngio. Momento de perda da capacidade da atuação de líderes públicos – no caso, os religiosos –, perda dos laços entre os homens por meio do canibalismo, desestruturação da sociedade, e assim por diante. Esse trecho foi muito utilizado dentro do dossiê feudal pelos historiadores que buscaram uma prova desse período de desolação. Mas parece que esses mesmos estudiosos ignoraram o próximo trecho, ainda relacionado à fome de 1033, cujo título é “A paz e abundância no milésimo ano após a paixão do Senhor” (*De pace et habundantia anni millesimi a Passione Domini*):

No ano que se seguiu à terrível calamidade, que foi o do milésimo ano da paixão do Senhor, as nuvens e tempestades diminuíram em homenagem à bondade e à misericórdia divinas, a face do céu começou a brilhar, exalando ventos benéficos e mostrando em sua serenidade a magnificência do criador, enquanto que a superfície verde do solo carregava o fruto em abundância, espantando a fome (...). No mesmo ano, a colheita trouxe uma abundância de trigo, vinho e outros frutos, que não poderia ser esperada pelos próximos cinco anos. A comida dos homens, até as carnes e alimentos mais requintados, era vendida por nada. Tudo se passava como no antigo grande Jubileu (referência ao livro de Levítico 25, 10). No ano seguinte, depois no terceiro e no quarto, a colheita não foi menor³⁶.

³⁵ RAUL GLABER, IV, cap. IV. “Sequenti itaque tempore coepit in universo orbe terrarum fames convalescere, ac interitus pene universi humani generis imminere. Nam temperies aeris sic intempestiva est effecta, ut nullius sationis proveniret tempus congruum, nec messioni praecipue ob inundantiam aquarum foret opportunum. Videbantur enim inter seipsa elementa pugnam discordiae agere, cum procul dubio vindictam exercerent humanae insolentiae. (...) Tunc vero constricta tota gens indigentia victus, majores ac mediocres fame pallebant cum pauperibus. Cessit enim raptus potentum universali inopiae. (...) Interea post esum bestiarum et volucrum, urgente fame acerrima, coepere homines praeripere in cibum morticina quaeque ac dictu horrenda. Quidam vero fecere confugium evadendae mortis ad radices silvarum herbasque fluviorum, sed nequidquam; non ergo aufugium irae ultionis Dei, nisi ad semetipsum. Horret denique referre quae tunc generi humano corruptiones acciderunt. Heu! pro dolor! quod olim raro audiri contigerit, tunc rabida inedia compulsi vorari ab hominibus humanas carnes. Arripiabantur autem viantes a se praevalentibus, membratimque dividebantur igneque decocti vorabantur. Multi quoque de loco ad locum famem fugiendo pergentes hospitibus recepti, noctuque jugulati, quibus suscepti sunt, in cibum fuerunt. Plerique vero pomo ostenso vel ovo pueris, ad remota circumventos trucidosque devoraverunt. Corpora defunctorum in locis plurimis ab humo evulsa, nihilominus fami subvenerunt. Quae denique rabiei insanies in tantum excrevit, ut tutius moraretur solidarium absque raptore genus pecudum quam hominum. (...) Desaevit enim in orbe terrarum, peccatis hominum exigentibus, praedictae pestilentiae clades in spatium trium annorum. Tunc in expensis egenorum distracta sunt ecclesiarum ornamenta, dispersitque thesauri, qui ob hoc in decretis Patrum inveniuntur ibidem primitus fuisse repositi. Sed quantum supererat vindictae justae ultionis, excessit nimietas egenorum in plerisque locis thesauros ecclesiarum (...)” BULST, Neithard. *op. cit.*, p. 186; 188, 190, 192.

³⁶ RAUL GLABER, IV, cap. IV. “Anno a passione Domini millesimo memoratae cladis penurias subsequente, sedatis nimbos imbris respectu divinae bonitatis et misericordiae, coepit laeta facies coeli clarescere, congruisque aethereis flare placidaque serenitate magnanimitatem Conditoris ostendere; telluris quoque tota superficies amicabiliter virens frugum abundantiam funditus inopiam expellendo portendere (...). Eodem denique anno tanta copia abundantiae frumenti et vini, caeterarumque frugum exstitit, quanta in subsequente quinquennio contigisse sperari non potuit. Aliquis enim victus humanus,

Esse trecho fornece um primeiro dado importante que precisa ser notado: Glaber não faz nenhuma referência ao Apocalipse, que seria a grande fonte dos relatos milenaristas, mas sim a um trecho de Levítico, que carrega a ideia de libertação e de comemoração. O monge deixa claro nesta passagem alguns aspectos fundamentais para toda a obra: o julgamento e a misericórdia de Deus, unidos a uma aliança constantemente testada e renovada entre os homens e o divino. Ainda que os *Cinco Livros de Histórias* se desenrolem durante o Ano 1000 e tratem diversas vezes de assuntos considerados “escatológicos” pela historiografia, como fomes terríveis, violência civil, catástrofes naturais, etc., tais eventos se intercalam com momentos de otimismo e de esperança, tal como acontece no Jubileu Judaico descrito na passagem bíblica evocada por Glaber. Esses acontecimentos poderiam, então, ser descritos pelo monge como avisos da justiça divina, como um recurso moral e disciplinar, assim como a escrita de Regino de Prüm.³⁷ Por outro lado, a paz e a aliança entre os homens e Deus abrem espaço para um período de abundância e de prosperidade. Ou seja, a força didática dessas narrativas parece colocar a fome, as ações de religiosos e governantes, as catástrofes e a miséria humana, como um caminho, uma preparação para a esperança e para a revelação da bondade e misericórdia de Deus na História.³⁸

Essa releitura dos *Cinco Livros de História* de Glaber como um todo auxilia a problematizar o espaço que a narrativa ganhou na historiografia sobre o Ano 1000. Os movimentos de Paz de Deus - fenômenos cruciais para a caracterização de uma crise social no período -, mais do que vistos como espaços de reforma e renovação, foram interpretados como provas do desaparecimento do poder público e do aumento da violência, que somente seria contida pela Igreja.³⁹ Entretanto, como demonstrou Karl

praeter carnes seu deliciosa pulmentaria, nullius erat pretii. Erat autem instar illius antiqui Mosaici magni Jubilaei. Sequenti vero anno tertio et quarto non minus provenit.” BULST, Neithard. *op. cit.*, p. 194, 196.

³⁷ Ver BARTHÉLEMY, Dominique. *L'an mil et la paix de Dieu. La France chrétienne et féodale 980-1060*. Paris: Fayard, 1999, p. 20.

³⁸ Esse pacto entre Deus e os homens aparece em constante movimento nas *Histórias*. Mesmo depois dos clamores de “Paz! Paz! Paz!” e da abundância proveniente da misericórdia divina, Glaber mostrou que os homens – em especial os religiosos de uma ou outra ordem – retornaram ao pecado “como o cão volta ao seu vômito” e, novamente, os relatos de simonia, relações consanguíneas ilegais, etc., voltaram à tona: “Sed heu pro dolor! humana denique stirps, immemor beneficiorum Dei, ab initio prona ad malum veluti canis ad vomitum vel sus lota in coeni volutabrum, irritum in multis fecere propriae sponsionis pactum. Et sicut scriptum est: ‘Impinguatus et dilatatus recalcitravit’. Nam ipsi primates utriusque ordinis in avaritiam versi coeperunt exercere plurimas, ut olim fecerant vel etiam eo amplius, rapinas cupiditatis. Deinde mediocres ac minores exemplo majorum ad immania sunt flagitia devoluti. Quis enim unquam antea tantos incestus, tanta adulteria, tantas consanguinitatis illicitas permixtiones, tot concubinarum ludibria, tot malorum aemulationes audiverat? Insuper ad cumulum tanti mali, cum non essent in populo, vel rari qui caeteros corrigentes talia redarguerent, impletum est prophetae vaticinium, quod ait: ‘Et erit sicut populus, sic sacerdos’. Praesertim cum tunc in saeculari potestate, tum etiam in ecclesiastica religione, totius regiminis personae constiterant in puerili aetate. Propter peccata enim populi contigit tunc illud Salomonicum, quod ait: ‘Vae tibi, terra!’ Nam et ipse universalis papa Romanus, nepos scilicet duorum Benedicti atque Joannis, qui ei praecesserant, puer ferme decennis intercedente thesaurorum pecunia electus exstitit a Romanis. A quibus exinde frequenter ejectus ac inhoneste receptus nulla potestate vigit. Et, ut jam superius taxavimus, caeteros tunc temporis Ecclesiarum praelatos aurum potius vel argentum exaltabat quam meritum. Proh pudor! de his evidentissime Scriptura ait, imo os ipsius Dei: ‘Principes exstiterunt, et non cognovi!’”. RAUL GLABER, IV, V, par. 17. Trecho semelhante pode ser encontrado mais adiante, no livro IV, IX, parágrafos 24 e 25, que retoma a temática do pecado e aos acontecimentos de 1044, com a suspeita eleição de Bento IX.

³⁹ Escrevendo no começo do século XX, Achille Luchaire apoia essa interpretação: “Graças às ordens religiosas e, especialmente, à ordem de Cluny, a Igreja conseguiu retirar alguns dos seus membros das influências feudais. Ela queria, além disso, promover para o mundo secular os princípios religiosos e morais que ela representava. Ela tinha de prevenir ou reparar os males inevitavelmente decorrentes da

Ferdinand Werner, ao procurar promover a paz, a Igreja não usurpava funções reais, e sim se utilizava da autoridade pública dada aos bispos pela legislação carolíngia desde o século IX, que garantia não a pretensão de uma paz geral ou do controle da violência, mas principalmente a defesa de seus bens.⁴⁰ Desta forma, a Paz de Deus constituiu-se como uma etapa do processo da independência da Igreja, que não excluiu, contudo, a atuação dos governantes.⁴¹

São esses reis e imperadores, em especial Henrique e Roberto, apontados já no prefácio das *Histórias*, os responsáveis pelos rumos da Igreja e pelo bom exercício da justiça e garantia da paz e da ordem, além de se constituírem como exemplo para a sociedade.⁴² O destino de todo o mundo cristão deveria ser conduzido por uma parceria sadia entre os reis por direito e o bom clero. Assim, os intensos conflitos, muito presentes na narrativa de Glaber, que, na leitura fragmentada de alguns autores do século, caracterizaram uma sociedade sacudida pela violência da nova elite guerreira e prestes a se dilacerar,⁴³ permitiram, na verdade, a mobilização e a rearticulação recorrente dos vínculos sociais entre grupos opostos diante das mudanças, sem que deles derivasse o declínio do sistema social.⁴⁴ Mais do que isso, para Raul Glaber, a Paz de Deus seria uma aliança e, assim, o Ano do Jubileu seria cíclico e a *pax* um processo a ser constantemente renovado.⁴⁵ De acordo com John France, “(...) a sensação de ansiedade e tensão dada pelas *Histórias* floresce não de uma expectativa pela vinda do Anticristo, mas da percepção do autor de que ele estava vivendo em um mundo que estava mudando drasticamente”.⁴⁶

constituição da sociedade secular. Substituindo o Estado que já não existia, ela teve que trabalhar incansavelmente para reprimir os instintos violentos da classe nobre cuja ocupação era a guerra, o prazer e o flagelo. Para cumprir essa grande missão social, o clero se esqueceu de sua própria dissidência. Unido aos leigos, sempre pronto para se dedicar e lutar contra a doença, o clero criou as instituições de paz.” LUCHAIRE, Achille. *Les premiers Capétiens (987-1137)*, vol. 2 de *Histoire de France illustrée depuis les origines jusqu'à la Révolution*, dirigida por Ernest Lavisse. Paris: Hachette, 1911, p. 133 *apud* BARTHÉLEMY, Dominique. *op. cit.*, p. 15. Outra importante referência é DUBY, Georges. Os leigos e a paz de Deus. In: _____. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.37-47.

⁴⁰ WERNER, Karl Ferdinand. *Le rôle des évêques dans les mouvements de paix au Xe et XIe. siècles. Mediaevalia christiana*. Paris: De Boeck, s/d, p.155-195 *apud* ALMEIDA, Néri de Barros. A Idade Média entre o ‘poder público’ e a ‘centralização política’: itinerários de uma construção historiográfica. *Varia historia*, Belo Horizonte, v. 26, n. 43, p. 57-58, jun. 2010.

⁴¹ Barthélemy, por exemplo, critica a ideia de que a Paz de Deus foi necessária por causa da falta de um rei forte. Para ele, a Paz de Deus nada mais foi do que uma legislação ditada por bispos em meio às relíquias e em tempos de calamidade, e que conjugava a preocupação da Igreja de se fazer respeitar, pela sua autoridade, os seus estreitos interesses com a sua visão ampla de seu papel social. Para uma discussão mais detalhada, ver BARTHÉLEMY, Dominique. *L’an mil et la paix de Dieu. La France chrétienne et féodale 980-1060*. Paris: Fayard, 1999.

⁴² A questão do bom exercício da justiça pelos governantes após o período carolíngio vem confirmar a teoria da divina quaternidade, desenvolvida por Glaber no livro I, no qual a era da Encarnação até os dias contemporâneos à escrita da obra se referia à Justiça, conforme Mateus 3:15.

⁴³ Tal interpretação seria proveniente de uma valorização excessiva de alguns trechos isolados, mas que se tornaram os mais conhecidos da obra de Glaber, como a já citada grande fome de 1031-1033 e a reconstrução das igrejas. ALMEIDA, Néri de Barros. Raul Glaber: um historiador na Idade Média (980/985-1047). *Revista Signum*, v. 11, n. 2, p. 88, 2010.

⁴⁴ MORSEL, Joseph. Sacerdotes e Hombres de Armas. In: _____. *La aristocracia medieval: el dominio social en el Occidente*. Valencia: Ed. Universidad Valencia, 2008, p. 181.

⁴⁵ LOT, Ferdinand. Le Mythe des Terreurs de l’An Mil. *Mercure de France*, 300, 1947, p. 639-655; reimpresso em *Recueil de travaux historiques de Ferdinand Lot*, v. 3, Genève, 1970, p. 398-414.

⁴⁶ FRANCE, John. Introduction. In: BULST, Neithard. *op. cit.*, p. lxiv; ALMEIDA, Néri de Barros. *op. cit.*, p. 105. Neste texto, a ideia de “mudanças”, sejam elas sociais, políticas, etc., apresenta-se muito ampla. Não é possível detalhar todos os acontecimentos que Glaber buscou retratar e analisar nas *Histórias*, mas em linhas gerais, o monge apresenta o impacto positivo da conversão dos normandos e magiares ao Cristianismo e o declínio de Bizâncio e da expansão islâmico. No plano interno, algumas

Crise, intervenção divina e escrita da história

Evidentemente, este artigo não pretende esgotar a discussão sobre o tema, mas sim lançar a possibilidade de reflexão em torno do conceito de crise, que pode carregar muitos outros significados além de “ruptura”, noção utilizada com frequência pela historiografia tradicional. Nas fontes medievais apresentadas, a crise política seria a evidência de um processo histórico crítico, mas que não iria pressupor sempre uma catástrofe ou ameaça (no caso, a pulverização do poder público), mas sim a demonstração de um período de vulnerabilidade, de desequilíbrio, de um momento ou episódio que pode se tornar bom ou ruim. Diante desta interpretação, não é possível ignorar o sentido da noção que parece se sobressair nessas narrativas: a ideia de julgamento, tanto em seu aspecto decisório, quando médico. São sociedades sendo julgadas por Deus e pelos narradores – majoritariamente ligados ao ambiente monástico –, especialmente por conta dos feitos dos seus governantes e religiosos, que interferem diretamente na “saúde” do reino. A crise política, assim, parece adquirir mais os contornos narrativos e morais que qualificam determinada situação do que uma realidade histórica dentro de tais relatos.

A respeito desse assunto, é preciso observar as obras sob o viés da escrita da história no período e retomar, ainda que brevemente, Eusébio de Cesareia, um dos principais pensadores da Igreja, cujas obras tiveram um importante impacto na definição dos gêneros de escrita histórica durante a Idade Média.⁴⁷ Apesar dos objetivos bem distintos da *Crônica*, de Regino de Prüm, e das *Histórias*, de Raul Glaber, é possível encontrar semelhanças ao papel atribuído a Deus na história no escrito de Eusébio, *História Eclesiástica*. O autor é bastante claro ao dizer que Deus é o chefe supremo, “autor de toda a prosperidade”, da “vitória”⁴⁸. Eusébio, ainda, retrata os governantes bons e maus como instrumentos da vontade divina ao propiciarem, de uma forma ou de outra, o avanço do Cristianismo. Evidentemente, esse debate não será aprofundado, mas o que interessa notar é que Deus agracia o Império nos tempos de paz com os cristãos, mas quando Eusébio retrata a perseguição imposta pelos imperadores Maxêncio e Maximino aos cristãos, alguns temas que surgem em Regino já aparecem na narrativa de Eusébio: ocorre a separação do Império, fomes, pestes, guerras assolam os territórios, e os governantes morrem de mortes terríveis⁴⁹. É Deus, também, quem vai julgar e solucionar a perseguição:

Em compensação destes eventos, Deus, o grande e celeste aliado dos cristãos, mostrou pelos meios referidos as ameaças e a cólera contra todos; após, restituiu-nos, em resposta aos excessos contra nós, a irradiação benevolente e brilhante de sua providência para conosco. Entre trevas espessas, fazia

dessas mudanças se referem à monarquia capetíngia enfrentando o desafio de novas casas principescas, como a dos condes de Blois. Entretanto, tais mudanças descritas na fonte não parecem ser suficientes para caracterizar o caos da “mutação feudal”.

⁴⁷ A *Chronicon* de Eusébio de Cesareia, por exemplo, lançou as bases para a constituição do gênero, que foi disseminado por meio da tradução dos *Kanones* (segunda parte da *Chronicon* de Eusébio), feita por Jerônimo, no século IV, e por obras de outros cronistas durante a Alta Idade Média, como Beda. CLASZEN, David. *Chronicon Moissiacense Maius. A Carolingian world chronicle from Creation until the first years of Louis the Pious*. On the basis of the manuscript of the late Ir. J.M.J.G Kats. Vol. 1. MPhil Thesis. Leiden: Department of History, Leiden University, 2012, p. 86.

⁴⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000, IX.9.

⁴⁹ Ibid VIII.13; IX.9.

maravilhosamente brilhar pacífica luz dele oriunda, e manifestava visivelmente a todos que Deus mesmo se encarregava de nossos interesses. Ele flagelava e convertia, segundo a ocasião, seu povo, provando-o; mas, tendo-os suficientemente instruído, manifestava-se benevolente e misericordioso para com todos os que nele põem a esperança⁵⁰.

Essa questão do julgamento também aponta para outro aspecto importante que aparece com recorrência quando se trata de fontes do período medieval: a teleologia. Enquanto em Eusébio, é possível analisar a narrativa caminhando rumo ao triunfo do Cristianismo, segundo afirma Airlie, a escrita de Regino seria, desde seu início, condicionada pelo fim. Ou seja, a escrita de Regino teria em vista a crise dinástica de 888 e a queda dos carolíngios. A obra de Raul Glaber, em contrapartida, seria marcada pelo milenarismo e vinda do Anticristo.⁵¹ Entretanto, as duas fontes discutidas neste artigo, aparentemente, carregam em si a ideia de um trabalho de história com o objetivo de informar os governantes e religiosos sobre seu próprio passado e presente, e admoestá-los por meio de histórias exemplares, pecados e seus julgamentos morais (divinos e dos próprios autores), lições de liderança, de caráter, de religiosidade, de condução da vida e do reino. Ou seja, poderiam ser considerados quase como um manual de governança.⁵² Vale lembrar um trecho escrito pelo historiador François Dosse sobre a história na Idade Média:

Como continuação da Antiguidade e, especialmente, as posições de Cícero, a história permanece ‘escola da vida’; ela é uma fonte de exemplos a seguir e, nesse sentido, ela bebe na Antiguidade romana os modelos de virtude (...)⁵³.

Refletir sobre a ideia de crise a partir das narrativas históricas pode lançar novas questões para problematizar tudo aquilo que caracterizou a Idade Média como um período de carências e declínio. Como afirma Karl Ferdinand Werner, o período medieval foi visto como uma época menos capaz que a Antiguidade e os tempos modernos para se pensar e escrever a história de uma forma adequada ou mesmo inteligível. Assim, a Idade Média seria limitada à escrita de gêneros mais rústicos, como

⁵⁰ Ibid. IX.9.

⁵¹ Cf. DUBY, Georges. *L'An Mil*. Paris: Gallimard, 1980.

⁵² Ao dedicar a *Crônica* ao bispo Adalbero, *nutritor* (algo como padrinho) do rei Luís IV, também chamado de Luís, a Criança, Regino se alinhou à necessidade da escrita de uma *historiae* que carregasse o sentido de admoestação. Luís, como integrante masculino da elite franca, deveria participar de um ritual de passagem aos 15 anos, na qual receberia uma espada e um cinturão militar como símbolos de sua transição para a fase adulta, viril. Não é uma coincidência Regino ter dedicado sua obra, repleta de referências aos grandes reis do passado franco e de lições sobre liderança, caráter e pecado justamente em 908, ano em que Luís completou 15 anos. Foi para essa audiência, próxima ao jovem Luís, que a *Crônica* foi composta, trazendo tanto uma ideia fundamental de “crise” como julgamento e edificação quanto um documento para alimentar e fornecer dados para os clamores da hereditariedade como base do poder real. AIRLIE, Stuart. “Sad stories of the deaths of kings’...”, p. 105-131. Raul Glaber também escreve sua obra voltado para um seletor grupo, uma vez que ele passou por constantes mudanças de mosteiros ao longo de sua vida – o monge viveu em, pelo menos, três importantes casas: Saint-Germain-d’Auxerre, Saint-Bénigne at Dijon e Cluny – e teve contato com ilustres personalidades eclesásticas reformadoras, como Guilherme de Volpiano, abade de Saint-Bénigne de Dijon e pupilo de Maiolo de Cluny, e Odilo, abade de Cluny, a quem Glaber dedica sua narrativa, inserindo-a em circulação dentro de uma audiência privilegiada.

⁵³ DOSSE, François. *op. cit.*, p. 219.

as crônicas e os anais, dominados por um esquema rigorosamente cronológico, sem domínio do sujeito ou debates elevados.⁵⁴ As únicas exceções seriam as chamadas “crônicas universais”, nas quais o plano divino do destino da humanidade, da criação do mundo ao Julgamento Final, teria encontrado expressão elevada mais próxima da teologia e da filosofia do que da história propriamente dita.⁵⁵ Na verdade, a ideia de uma história num plano secundário é reforçada por François Dosse, que afirma que no período medieval, a história é apenas um gênero menor, ciência auxiliar a serviço de disciplinas fundamentais, principalmente, da teologia.⁵⁶ Além desse espaço marginal dado pela historiografia à escrita do gênero histórico na Idade Média, o fato de o julgamento de Deus ser constantemente manifestado na história seria suficiente e definitivo para que os autores considerassem a historiografia medieval como engessada e pouco variável em relação às fontes escritas no período.⁵⁷

Evidentemente, essa postura precisa ser debatida. Segundo a tese de Ward, apesar de praticada sob a égide de uma rigorosa doutrina da fé religiosa absoluta, a historiografia medieval, na verdade, era tão diversa e interessante a ponto de prover ao menos uma antecipação dos modelos pós-modernos na escrita histórica e, possivelmente, um melhor adiantamento do modelo científico que foi projetado para a Renascença, vista tradicionalmente como o período de nascimento da historiografia moderna.⁵⁸ As obras de Regino de Prüm e Raul Glaber, justamente pela riqueza de temas, podem ajudar a repensar a ideia de que os autores do período fossem incapazes de analisar os fatos históricos ou estivessem presos apenas a um modelo: relatar os desígnios de Deus ao longo da história. As duas narrativas, pelo contrário, evidenciam a forte presença e controle dos seus escritores, uma vez que as histórias retratadas nas obras são, ao mesmo tempo, pano de fundo e palco para a vida política de inúmeros personagens, incluindo a dos autores das mesmas.⁵⁹

Além disso, ainda que tenham sido produzidos por religiosos, a *Crônica e Os Cinco Livros de História* não parecem ser escritas guiadas apenas pela Providência Divina rumo a um *telos* (geralmente, o Julgamento Final e a vinda de Cristo). Como discute John Ward em seu artigo, a visão medieval dos fatos históricos seria multifocal e iria além da simples ideia de julgamento de Deus, que estaria no nível alegórico, da *interpretatio*, enquanto os eventos teriam um “sentido” literal que não seria o mesmo do seu “significado”. É possível que os historiadores medievais tivessem a ideia de que Deus tinha um propósito para o curso da história humana, mas para eles não seria tão claro como esse desígnio se relacionava, de fato, aos eventos.⁶⁰ Ainda que Deus apareça

⁵⁴ Ver, por exemplo, a distinção entre os gêneros “história” e “crônicas/anais” feita por Guenée. GUENÉE, Bernard. *Histoires, annales, chroniques: Essai sur les genres historiques au Moyen Age. Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 28e Année, n. 4, p. 997-1016, Jul. - Aug., 1973.

⁵⁵ WERNER, Karl Ferdinand. *Dieu, les rois et l'Histoire*. In: DELORT, Robert (dir.). *La France de l'An Mil*. Paris: Éditions du Seuil, 1990, p. 264-265.

⁵⁶ DOSSE, François. *op. cit.*, p. 217.

⁵⁷ WARD, John O. ‘Chronicle’ and ‘History’: The Medieval Origins of Postmodern Historiographical Practice? *Parergon*, vol. 14, n. 2, Jan., 1997, p. 106-107.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 107-108.

⁵⁹ No caso de Regino, fica evidente o quanto o mesmo manipula a sua obra ao tratar de determinados assuntos políticos da Lotaríngia, como a sua misteriosa deposição da abadia de Prüm, em 892, feita em meio às tentativas de elevar Luís, a Criança, no lugar de Zwentibald (ou Zuentiboldo), seu meio-irmão. Raul Glaber, apesar de criticado pela sua escrita, também tem um controle da sua narrativa, evidenciando aspectos em prol do seu aliado, o abade Guilherme de Volpiano, e também aponta alguns dados autobiográficos (como as mudanças de mosteiros), dentro de um ambiente político marcado pelos primeiros indícios da reforma cluniacense. Desta forma, ambos os autores são personagens ativos nos assuntos políticos e se utilizam de suas obras ora para expor, ora para omitir informações relevantes.

⁶⁰ WARD, John O. *op. cit.*, p. 107-108.

no curso da história e, principalmente, atue nos momentos decisivos ou em “momentos de crise” (novamente, o divórcio de Lotário e a fome de 1031-1033 podem ser citados como grandes exemplos), essa mesma história também se desenrola no plano terrestre, de forma muitas vezes irregular e incerta, por meio das ações dos homens, no caso, dos governantes, que terão um impacto direto na prosperidade ou decadência de seus reinos. Mesmo o fim da dinastia carolíngia, resultado de uma “punição” de Deus por conta das atitudes desobedientes e dos pecados dos reis, não inviabiliza a continuação da escrita da *Crônica* e do próprio desenvolvimento dos acontecimentos históricos: os personagens mudam, Regino pode ter sido prejudicado por tal rompimento político (e por isso o tom de sua narrativa não seja tão empolgante diante da nova situação), mas a história prossegue, nem pior nem melhor do que antes.

No caso de Raul Glaber, após o fim do Império Carolíngio, os governantes não serão menos honrados do que os antecessores. Um exemplo é Oto I, rei da Germânia a partir de 936 e imperador de 962 a 973. Segundo Glaber, ele não seria inferior em glória e em autoridade aos seus predecessores e se distinguia pela generosidade à Igreja. Oto II, por sua vez, teria falecido após ter realizado muitos atos nobres e *conduzido bem os afazeres públicos*. Ele deixou um filho, Oto III, com um pouco mais de doze anos que, apesar de jovem, era corajoso e inteligente, recebendo o Império por direito hereditário.⁶¹ Ressalta-se que nas *Histórias*, após a extinção da linhagem real carolíngia, o Império Romano passa para os reis dos saxões. Isso evidencia que Glaber não coloca o fim do Império Carolíngio como o fim da categoria de reis e imperadores na hierarquia política, nem vê com total desespero e lamento o fim da dinastia carolíngia ou os acontecimentos posteriores.

As obras de Regino e de Raul Glaber não parecem engessadas por modelos de gênero de escrita histórica⁶² e nem trazem uma ideia de plano decisivo de Deus (cujo fim seria o Império Carolíngio e o fim do mundo, respectivamente) *versus* um acaso e caos que guiam as atitudes humanas. As narrativas, na verdade, unem e refletem sobre o passado, presente e futuro: interessa a ambas, dentro de um contexto moral cristão, evidenciar uma consciência temporal e, portanto, transitória dos reinos,⁶³ além da necessidade de se conhecer o passado, registrar (e analisar) o presente e deixar ensinamentos para o futuro, no qual caberá ou não a cada um julgar e seguir. Ao invés de escritores “mediócras”,

⁶¹ Cf. RAUL GLABER, *Cinco livros de Histórias*, I, caps. I-IV, parágrafos 4-11.

⁶² Como já citado anteriormente, a obra de Regino é organizada em modelos de anais e o próprio autor a define como “crônica”, mas não fica preso ao modelo rígido de mero relato de acontecimentos ano após ano, sem conexão entre os mesmos. No caso de Raul Glaber, as *Histórias* abordam diversos temas, que muitas vezes carregam toques de hagiografia, trechos com pequenas poesias, entre outros. Ainda que os modelos de escrita de Eusébio (história e crônica) tenham sido importantes para as demais obras cristãs no período medieval, é possível perceber fronteiras muito tênues entre os gêneros, que combinavam retórica e cronologia, por exemplo.

⁶³ AIRLIE, Stuart. ‘Sad stories of the deaths of kings...’, p. 109. Segundo o autor, a preocupação de Regino em relatar a transitoriedade dos impérios estaria influenciada pelas lições de Agostinho, que afirmava que a história humana era uma “descrição de calamidades” (*series calamitatum*). MARKUS, Robert. *Saeculum: History and Society in the Age of St. Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, pp. 10-11 *apud* AIRLIE, Stuart. *op. cit.*, p. 117. Além de Agostinho, Isidoro de Sevilha, em suas *Etimologias* (texto possivelmente conhecido por Regino), disse que o fato da sucessão era uma das lições mais marcantes da história: “muitas coisas podem ser examinadas por meio da sucessão de cônsules e reis” (*per consulum regumque successum multa necessaria perscrutantur*). ISIDORO, *Etymologiarum sive Originum Libri XX*. Ed. por W. M. Lindsay, 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1911, I, XLIII; XLI *apud* AIRLIE, Stuart. *op. cit.*, p. 117.

(...) os historiadores medievais se moveram livremente entre o passado e o presente, adaptando sua mensagem às suas audiências com considerável desenvoltura. Eles enfatizaram todos os tipos de causalidade, mas, principalmente, de acordo com os sentidos adequados às exigências das comunidades as quais se endereçavam; foram apenas os humanistas, mais tarde, talvez, que começaram a impor padrões críticos derivados de uma progressiva prática profissional que estava a se tornar uma disciplina construída e autônoma, com reduzidas referências para forma dos parâmetros (...) ⁶⁴.

Em suma, interpretar essas obras como escritas históricas e entender as categorias utilizadas pelos autores, dentre as quais o essencial papel das autoridades públicas mesmo após o Império Carolíngio e mesmo diante de quadros de crise, pode ajudar a pensar a complexidade dessas regiões e desses períodos e tirar a Idade Média desse limbo entre a Antiguidade Clássica e a Modernidade, no qual as pessoas seriam incapazes de praticar formas públicas de poder, de lidar racionalmente com a violência, de ir além do mágico e maravilhoso e, principalmente, de pensar e escrever a história.

⁶⁴ WARD, John O. *op. cit.*, p. 116.